

## COMIDA DE RUA E SEGURANÇA ALIMENTAR: UM MERCADO SOCIALMENTE NECESSÁRIO

Greiziene Araújo Queiroz  
Universidade Federal de Sergipe – UFS (Brasil)  
Endereço eletrônico: greiziene@gmail.com

Sônia de Souza Mendonça Meneses  
Universidade Federal de Sergipe – UFS (Brasil)  
Endereço eletrônico: soniamendoncamenezes@gmail.com

852

### INTRODUÇÃO

A comida tem a função primordial de saciar a fome, restaurar as forças e assim, atender “a satisfação de uma necessidade localizada na base da vida orgânica e, por isso, uma necessidade abertamente comum a todos” (SIMMEL, 2004. p.163), alimentar-se. O acesso ao alimento está ligado ao conceito de segurança alimentar, na falta dele, se instala a insegurança que pode variar entre leve, moderada e severa. De acordo com o Inquérito Nacional desenvolvido pela rede Penssan (2021) no nordeste brasileiro 71,9% dos habitantes experimentaram algum estágio de insegurança alimentar em 2021.

Diante do exposto, o objetivo dessa discussão é apresentar a contribuição da comida de rua para a segurança alimentar na cidade de Itabuna. Essa prática cultural está enlaçada de saberes e fazeres transmitidos por gerações ressignificados e utilizados na produção e comercialização de alimentos nos circuitos curtos do espaço urbano. A ideia preconcebida de que essa modalidade de comércio está vinculada estritamente a alimentos de baixa qualidade nutricional e aos *fast foods* é um equívoco. Na comida de rua estudada foi possível identificar comida de casa, como cuscuz, feijão e arroz, comida da roça como mingau de milho, de puba. A comercialização desses alimentos identitários conformam alternativas criadas por homens e mulheres e contribuem para a reprodução social dos grupos familiares no espaço urbano (MENEZES, 2013). Para além desses alimentos são identificados diversos tipos de lanches. O presente trabalho evidencia resultados parciais da tese de doutorado, que utiliza como recurso metodológico a revisão bibliográfica e roteiro de entrevista aos comerciantes e consumidores.



## COMIDA DE RUA: UM CINTURÃO DE SEGURANÇA ALIMENTAR NA CIDADE DE ITABUNA-BA

A expressão ‘cinturão’ geralmente está associada ao monocultivo de trigo, algodão e milho. Contudo, neste texto, tem a acepção de cingir, isto é, envolver. A comida de rua circunda praças, calçadas, universidades, avenidas, terminais urbanos, estádios, instituições públicas e privadas. Onde há uma intensa circulação de pessoas há comida de rua a qualquer hora do dia ou da noite, assim, é possível inferir que, grosso modo, há comidas consumidas no café da manhã, almoço, lanche e jantar.

Rememorando Josué de Castro, existe uma “fome oculta” (1984, p.37) na cidade que está ligada a “ [...] toda uma série de carências alimentares, as mais das vezes parciais, discretas ou ocultas” (Idem, p.278), essa fome não está associada a pessoas abaixo da linha de pobreza, mas “ [...] as classes assalariadas, que são forçadas a um regime de terríveis restrições pela perda do valor aquisitivo dos seus salários” (Idem, p.294), trabalhadores urbanos que não possuem dinheiro para o transporte e assim almoçar em casa, tão pouco para custear sozinho sua refeição.

Na cultura brasileira “O almoço é considerado a refeição mais importante [...] no que se relaciona à sustância” (BARBOSA, 2007, p.103) em razão disso, o segmento de refeição completa a um preço acessível é de suma importância para os trabalhadores urbanos. Em Itabuna, com R\$ 13,00 (em março de 2022) é possível comer arroz, feijão, salada, farofa, macarrão e purê de batatas, pode-se também substituir uma guarnição por uma porção maior de outro elemento da preferência do cliente. Essa refeição é acompanhada por um espetinho de proteína, a escolha do cliente, que varia entre carne vermelha, frango, calabresa ou a opção mista. Com mais R\$ 5,00 é possível adicionar outra proteína.

Na comida de rua não impera a ditadura da balança, a comunicação não é realizada pelas grammas mostradas no visor de um aparelho, uma simples expressão “capricha” é entendida como “estou com muita fome” ou “hoje esse almoço é pra duas” segundo o vendedor E.C. (Informação Verbal, 2022). É muito comum a divisão do almoço por trabalhadoras do comércio, nesses casos é acrescentado, pelo cliente, um espetinho, assim cada pessoa tem sua própria porção de proteína, mas divide-se as guarnições.

Para quem deseja uma refeição ainda mais acessível tem-se as quentinhas (entre R\$5,00 e R\$10,00 em 2021). Nesse caso, são as vendedoras que se deslocam até os



consumidores. No Calçadão Ruy Barbosa em Itabuna é comum presenciar essa prática: uma cozinheira passa de loja em loja, oferecendo aos trabalhadores do comércio a quentinha que já está pronta, cita o cardápio e faz a propaganda da comida. Geralmente, o isopor ficar guardado em um ponto estabelecido ou com outra parceira de trabalho, após as solicitações dos pedidos, ela retorna ao isopor, se abastece, e assim, efetiva a entrega, o processo se repete até que todo percurso tenha se completado. Os motos taxistas e vendedores ambulantes também são consumidores ativos dessa modalidade de almoço. No caso serviço de moto taxi é interessante permanecer no local de trabalho no horário de almoço pela intensa movimentação. O consumo da comida de rua lhe permite um almoço acessível no preço, rápido na aquisição, e ainda, favorece estar disponível à clientela.

A comida de rua é também uma alternativa para pessoas em situação de rua, via doação ou mediante a compra. Segundo F.E “hoje eu doei oito salgados, eu nem posso, mas dei”, quando o trabalhador evidencia o “eu nem posso” é uma constatação da sua condição social que também é precária. Embora, a situação de pobreza seja uma realidade latente para ambos, ele declara “Deus me ajuda, eu ajudo eles” (Informação Verbal, 2021). Para Mauss há algo de espiritual na dádiva, está para além da materialidade do item recebido “porque as pessoas se dão ao dar” (2003, p.263), isto é, a coisa dada contém algo do seu doador, na comida, tem um saber e um fazer intrínseco na dádiva. A doação ocorre tanto por parte do vendedor como também por consumidores que estão fazendo refeições no local. Por vezes, no trabalho de campo foi ouvido a fala “dá um espetinho a ele”, “libera um lanche que eu pago” dito por pessoas que se sensibilizaram com a situação de mendicância. Em outros momentos o pedinte pagava pelo consumo, mas geralmente, pede meia porção, como por exemplo, meio copo de café ou de mingau.

Outra situação corriqueira da dádiva foi narrada por B.H, é a chegada de pessoas carentes de outros municípios em busca de atendimento médico que, vez por outra, tem a necessidade de estender a estadia na cidade por mais tempo que o previsto, o que implica numa situação de insegurança alimentar por não possuir os meios para adquirir uma refeição. São pessoas oriundas dos municípios de Vitória da Conquista, Santa Luzia, Santa Cruz da Vitória e da capital Salvador. Segundo B.H quando essas pessoas retornam à cidade, desejam pagar pelo consumo de outrora, e ainda, trazem outros comensais para demonstrar gratidão (Informação Verbal, 2021). Cumpre-se assim, a tríplice obrigação denominada por Mauss (2003) de dar, receber e retribuir.



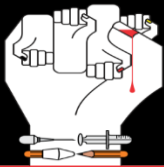
A retribuição ou reciprocidade foi evidenciada nas ruas em dezembro de 2021 quando temporais concentrados atingiram as cidades baianas provocando enchentes, de acordo com a reportagem da BBC Brasil foram registradas 24 mortes, 53,9 mil pessoas ficaram desalojadas e 629 mil foram afetadas em todo estado. No dia 26 dezembro as águas invadiram as cidades de Ilhéus e Itabuna causando dor e destruição. Pior que os prejuízos materiais foi a insegurança alimentar. Muitas pessoas não perderam apenas a comida da despensa, mas o armário, o fogão, a geladeira, isto é, os meios para preparar uma refeição. Contudo, doações chegavam de diversos lugares do país. Segundo o site do Sindprev (em 07/01/2022) três toneladas de alimentos foram entregues em um único dia para saciar a fome das vítimas da enchente. Cozinhas comunitárias, improvisadas, elaboravam as refeições dia e noite. A solidariedade se manifestava em grandes e pequenas doações. Trabalhadores da comida de rua faziam um esforço para contribuir, como E.C que passou o dia elaborando marmitas como retribuição a cidade que lhe possibilita o sustento da sua família.

No dia 29 de dezembro, o rio voltou ao curso habitual e a população retornou as suas casas e ao comércio para contabilizar o prejuízo. No centro da cidade de Itabuna, lanchonetes, bares e restaurantes estavam fechados, ou porque foram atingidos pela enchente, ou por não haver funcionários disponíveis para preparar refeições. No entanto, havia comida nas ruas, uma comida-sustento para os que trabalhavam para limpar a cidade. Havia mingau de milho, bolo de baunilha, salgados diversos, café, caldo de cana e a farofa de cuscuz com ovo, calabresa e carne seca. O cuscuz reforçado, comida forte (BRANDÃO, 1981) para cidadãos que precisavam renovar as forças para recomeçar.

No que se refere a segurança alimentar, o trabalho na comida de rua tem importante contribuição por possibilitar a sobrevivência de quem vende e saciar a fome de quem come. Principalmente no urbano que concentra a maioria da população, como também onde se manifesta as desigualdades sociais com maior intensidade.

## CONSIDERAÇÕES

A comida de rua se configura como uma expressão territorial um mercado socialmente necessário, em que predomina uma “vida de relações, resistente e tenaz”, onde “as trocas, por elas geridas, são trocas simbólicas [...] apoiadas em linguagens e valores (2005, p.12468). Nesse mercado da comida de rua o valor de uso é superior ao



valor de troca, está acima do lucro. Nessa modalidade de comércio há a venda como também o dar, receber e retribuir evidenciado por Mauss (2003).

A comida de rua, elaborada por trabalhadores e trabalhadoras inseridos no mercado informal como demonstrado no presente texto, cumpre uma função social de alimentar os cidadãos, sejam eles proletários, pessoas em situação de vulnerabilidade social ou moradores de outras cidades em busca de serviços. Com efeito, a comida de rua contribui para a segurança alimentar em tempos tão desafiadores como no período atual de recessão econômica e em desastres naturais como na enchente de 2021.

856

**PALAVRAS- CHAVE:** Comida de rua. Segurança alimentar. Fome.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lívia. Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. **Horiz Antropol** 2007; 13(28):87-116. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/3dBn939KJKHnfnbcbdtFjJPn/?format=pdf&lang=pt> . Acesso e 12 de abr de 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher e comer:** um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome:** o dilema brasileiro, pão e aço. 10ªed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

**INQUÉRITO NACIONAL SOBRE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA CA COVID 19 NO BRASIL.** Disponível em: [http://olheparaafome.com.br/VIGISAN\\_Inseguranca\\_alimentar.pdf](http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf) . Acesso em abr de 2022.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALIMENTOS IDENTITÁRIOS: UMA REFLEXÃO PARA ALÉM DA CULTURA. **Geonordeste**. n. 2. Ano XXIV. 2013. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1516> Acesso em maio de 2022.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.** Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Ordenamientoterritorial/41.pdf> Acesso em ago de 2019.

SIMMEL, Georg. Sociologia da Refeição. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho ele 2004, p. 159-166.